



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

10

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora

Ano 2020



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

10

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado

10

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 10 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-272-2
DOI 10.22533/at.ed.722201108

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional.
I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. O décimo volume deste livro, intitulado “**Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, aqueles e aquelas que pensam e inter cruzam as diferentes problemáticas educacionais.

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns a Educação.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O AMBIENTE ALFABETIZADOR E AS FACETAS DE INSERÇÃO NO MUNDO DA ESCRITA NO I CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Sarah Souza Marinho Maria das Graças Pereira Soares	
DOI 10.22533/at.ed.7222011081	
CAPÍTULO 2	11
OS HÁBITOS DE HIGIENE NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR	
Andressa Bernardo da Silva Daiany de Souza Ferreira Tanamachi Liciane da Silva Gomes Mansano Jaqueline Maria da Silva Vicente Aguilera Amanda Bastos Coelho Lopes Maria Jussara da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7222011082	
CAPÍTULO 3	24
ALIMENTAÇÃO ESCOLAR DA REDE MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO: IMPLANTAÇÃO DE AÇÕES PARA MELHORIA DA QUALIDADE	
Natália Moraes de Oliveira Andréa Cátia Leal Badaró Daniela Zanini Scarabotto Andréa Nesi Wessler Joelen Raiana Favaro Ries Aline Laiza Salvador	
DOI 10.22533/at.ed.7222011083	
CAPÍTULO 4	29
COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ FELICIANO FERREIRA E O CURSO DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JATAÍ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Tracy Martina Marques Martins Jacqueline Rodrigues do Carmo Cavalcante Jéssica Ribeiro Magalhães Edismair Carvalho Garcia João Pedro Lourenço Mello Fábio Morato de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7222011084	
CAPÍTULO 5	35
AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: A ESCOLA NO OLHAR DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Silvia Fernanda de Souza Lordani Annecy Tojeiro Giordani Sidney Lopes Sanchez Júnior Danieli Ferreira Guedes Patrícia Ferreira Concato de Souza Ariane Aparecida de Oliveira Beatriz Haas Delamuta	
DOI 10.22533/at.ed.7222011085	

CAPÍTULO 6	48
OFICINAS DE JOGOS: O LÚDICO NO CONTEXTO ESCOLAR Cristian Rafael Andriolli Shiderlene Vieira de Almeida Dayse Grassi Bernardon DOI 10.22533/at.ed.7222011086	
CAPÍTULO 7	57
UMA ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO SIMBÓLICA PARA SUBJETIVAÇÃO DOS SUJEITOS A PARTIR DOS SUPER-HERÓIS Isabela Gonçalves da Silva DOI 10.22533/at.ed.7222011087	
CAPÍTULO 8	69
AS PRÁTICAS CURRICULARES DEMOCRÁTICAS APRESENTADAS PELA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DESEMBARGADOR AMORIM LIMA Virginia do Carmo Pabst Scholochuski DOI 10.22533/at.ed.7222011088	
CAPÍTULO 9	82
A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA Flávia Assad Moreno Katiucy da Silva Paná Luana Neiva Mendes DOI 10.22533/at.ed.7222011089	
CAPÍTULO 10	86
ARTESANATO EM CERÂMICA – ALTERNATIVA DE EDUCAÇÃO E RETOMADA CULTURAL (O CASO DOS PATAXÓ DE PORTO SEGURO - BAHIA) Paulo Roberto de Souza DOI 10.22533/at.ed.72220110810	
CAPÍTULO 11	101
CULTURA INDÍGENA NO PARANÁ NA PERSPECTIVA ATUAL: RELATO DE UM PROJETO DE ENSINO Thais de Sá Gomes Novaes Jennifer Guimarães Praxedes Camila Beatriz Teixeira Rosimeiri da Silva de Morais DOI 10.22533/at.ed.72220110811	
CAPÍTULO 12	108
SIMILARIDADES E DIFERENÇAS NAS PINTURAS RUPESTRES PRÉ-HISTÓRICAS DE SÃO DESIDERIO-BA E SÃO RAIMUNDO NONATO- PI Felina Kelly Marques Bulhões Rafael Alves Porto Ana Paula Oliveira Maia Mayana Valentin Santana Weslane Silva Noronha Carla Gisele dos Santos Carvalho Taise Rodrigues de Souza Arlindo Matheus Santiago de Brito Valdete Silva dos Santos DOI 10.22533/at.ed.72220110812	

CAPÍTULO 13	114
A IDEOLOGIA CAPITALISTA NO OLHAR DOS ESTUDANTES SOBRE A ESCOLA	
Hemerson Moura Filipe de Sousa Carvalho José Luís da Silva Soares Ronaldo Dantas dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.72220110813	
CAPÍTULO 14	129
POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A(S) INFÂNCIA(S) E A POSTURA INVESTIGATIVA DO(A) EDUCADOR(A) DAS INFÂNCIA(S)	
Patrícia Ferreira Moreira Mareli Eliane Graupe	
DOI 10.22533/at.ed.72220110814	
CAPÍTULO 15	135
O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM EM VYGOTSKY	
Larissa Paula Montes Bichaco Tainara Monielle dos Santos Oliveira Juliana Telles Faria Suzuki	
DOI 10.22533/at.ed.72220110815	
CAPÍTULO 16	142
A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO COM A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Grazielle dos Santos Souza Leonara Aline de Oliveira Juliana Telles Faria Suzuki	
DOI 10.22533/at.ed.72220110816	
CAPÍTULO 17	153
FOLIA DE REIS: UMA EXPERIÊNCIA DE APROXIMAÇÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA COM A TRADIÇÃO CULTURAL DO NOROESTE FLUMINENSE	
Marizângela Faustino França Julio Cezar de Oliveira Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.72220110817	
CAPÍTULO 18	167
PERCURSO EDUCATIVO: UMA INOVAÇÃO CURRICULAR NA EJA NO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO	
Cristiani Castro do Lago Renata Rose Costa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.72220110818	
CAPÍTULO 19	178
ALFABETIZAR BRINCANDO NÃO É BRINCADEIRA	
Daniela dos Santos Lima Denise Dias de Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.72220110819	
CAPÍTULO 20	189
INFÂNCIA: UMA OBRA DE ARTE EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO	
Valdo Barcelos Maria Aparecida Azzolin	
DOI 10.22533/at.ed.72220110820	

CAPÍTULO 21	208
RELATO DE EXPERIÊNCIA: A MONITORIA NA DISCIPLINA DE DIREITO DAS OBRIGAÇÕES COMO INSTRUMENTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
Isabella Martins Bueno	
Liliane Vieira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.72220110821	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	218
ÍNDICE REMISSIVO	219

ALFABETIZAR BRINCANDO NÃO É BRINCADEIRA

Data de aceite: 03/08/2020

Data de submissão: 04/05/2020

Daniela dos Santos Lima

Mestra em Educação e Diversidade pela
Universidade do Estado da Bahia (UNEB),
Campus IV.

Jacobina – BA

<http://lattes.cnpq.br/6916113469640480>

Denise Dias de Carvalho Sousa

Doutora em Letras pela Pontifícia Univ. Católica
do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Jacobina – BA

<http://lattes.cnpq.br/4506569196582211>

RESUMO: Este artigo apresenta as impressões iniciais do projeto de pesquisa *É hora de brincar! As brincadeiras como potencializadoras na apropriação do letramento das crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental*. Trata-se de uma investigação do tipo qualitativa, pautada nos pressupostos da pesquisa-ação, sendo apresentada neste estudo, apenas, a pesquisa bibliográfica. Assim, abordaremos, inicialmente, acerca das categorias *alfabetização, letramento, brincadeiras e ludicidade*, ressaltando a importância das brincadeiras na alfabetização, com ênfase no

lúdico. Posteriormente, discorreremos sobre o papel das brincadeiras na vida da criança e suas contribuições no processo de aquisição/ apropriação do letramento. As brincadeiras são elementos de grande relevância na infância com vistas à formação de uma pessoa e sua projeção na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Brincadeiras. Alfabetização. Letramento. Aprendizagem.

ABSTRACT: This article presents the initial impressions of the research project *It's time to play! The jokes as potentiators in the appropriation of the children's literacy in the initial grades of Elementary School*. It is a research of the qualitative type, based on the presuppositions of action research, being presented in this study, only, the bibliographical research. Thus, we will initially address the categories literacy, literacy, play and playfulness, highlighting the importance of play in literacy, with emphasis on play. Later, we will discuss the role of play in children's lives and their contributions in the process of acquisition / appropriation of literacy. The games are elements of great relevance in childhood with a view to the formation of a person and their projection in society.

KEYWORDS: Jokes. Literacy. Literacy. Learning.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo traz uma apresentação dos resultados parciais da pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, vinculado à Universidade do Estado da Bahia - UNEB, que tem como título *É hora de brincar! As brincadeiras como potencializadoras na apropriação do letramento das crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental*. O estudo se desenvolve na Escola Municipal Agnaldo Marcelino Gomes, que atende a crianças da pré-escola ao 5º ano do Ensino Fundamental, no município de Jacobina-BA, há uma distância de aproximadamente 340km da capital do Estado, Salvador.

A escola em questão localiza-se num bairro periférico do município, há aproximadamente 6 km de distância do centro da cidade, e atende a um público diversificado, composto por crianças oriundas de trinta e três locais distintos, tanto do bairro onde a escola está situada, como de bairros vizinhos e comunidades rurais, que chegam a residir há uma distância superior a 20 km da escola. Das crianças atendidas na Unidade Escolar, mais de 42% residem em comunidades rurais e algumas poucas são da cultura cigana, o que faz da escola um espelho da diversidade, ou seja, implica diretamente na dinâmica e a torna ainda mais múltipla que a maioria das escolas da cidade.

Entre as diversas comunidades atendidas na Unidade Escolar, as comunidades do Tombador, que compreende a maior distância da escola, e do Itapicuru, localizada a pouco mais de 14 km da escola, são as que têm maior quantidade de crianças estudando nessa Unidade, por isso foram as comunidades eleitas como lócus para o desenvolvimento da segunda etapa da pesquisa, que compreende na identificação das brincadeiras que fazem parte da cultura local.

O estudo objetiva identificar as brincadeiras que fazem parte da cultura local do município e como elas podem impactar na aquisição e apropriação do letramento, com foco nas crianças que estudam no ciclo de alfabetização. Inicialmente, iremos às comunidades em busca de identificar tais brincadeiras, para isso, vamos nos valer das narrativas de alguns moradores mais velhos da comunidade, além da observação das formas de brincar das crianças nas comunidades. A posteriori, apresentaremos esse material aos professores da referida Unidade Escolar por meio de rodas de estudo para, juntos, planejarmos como inseri-las nas práticas educativas da escola, a fim de melhorar a aprendizagem das crianças.

A necessidade da pesquisa surgiu por observar, enquanto professora alfabetizadora, dois fatores importantes na escola: a) muitas crianças chegam ao terceiro ano do Ensino Fundamental sem garantir muitas das habilidades previstas para sua idade e, conseqüentemente, têm dificuldade de ler na perspectiva do letramento até o final do ciclo de alfabetização e b) as brincadeiras antigas não fazem parte da rotina das crianças na

escola, nem mesmo nos seus momentos de lazer. Ademais, por compreender que a escola é o principal promotor da formação leitora das crianças e tem o papel de reconhecer e valorizar a cultura do local onde estas estão inseridas, e por entender, também, que a brincadeira é um elemento dessa cultura local, sendo um agente promotor de diversas aprendizagens para a vida da criança.

Antes, porém, de abordarmos sobre as primeiras impressões acerca das categorias *alfabetização, letramento, brincadeiras e ludicidade*, ressaltando a importância das brincadeiras na alfabetização, com ênfase no lúdico e sobre o papel dessas na vida da criança, bem como suas contribuições no processo de aquisição/apropriação do letramento – foco deste trabalho -, queremos esclarecer sobre o título deste artigo. Ao afirmar que “alfabetizar brincando não é brincadeira”, o fizemos no intuito de chamar a atenção para a forma como a brincadeira é tratada no cotidiano da escola. Ou seja, por se tratar de brincadeira, muitas vezes, esta não é considerada como potencializadora do processo de alfabetização da criança. Assim, a escolha desse título surge exatamente com o intuito de evidenciar essa questão, visto que é muito comum ouvirmos professores chamar a atenção de seus alunos durante as aulas, quando estes deixam de fazer a tarefa com o empenho desejado, com frases como: “para de brincar, agora vamos falar sério” ou “isso não é brincadeira”, querendo enfatizar a importância da ação de estudar. Nesse sentido, o ato de brincar é desvinculado do processo de aprendizagem da criança e tratado como algo que não é sério. Ao contrário disso, entendemos que “alfabetizar brincando” é extremamente sério, assim como as brincadeiras o são.

O brincar é algo extremamente importante e sério na vida da criança e, muito além de proporcionar prazer, é um elemento capaz de promover diversas aprendizagens, psíquicas, motoras e cognitivas, de suma importância para o desenvolvimento da pessoa, podendo se tornar um aliado do/da professor/professora nas atividades escolares, a fim deste promover uma aprendizagem mais significativa e prazerosa a seus/suas alunos/alunas.

2 | ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Quando tratamos de aprendizagem significativa, no processo de alfabetização, direcionamos a atenção para a alfabetização na perspectiva do letramento por compreendermos que esse último tem a função de pensar sobre as práticas de leitura e escrita nos contextos sociais, portanto relevantes.

Até o final do século passado, a principal preocupação quanto às questões relacionadas à alfabetização no Brasil era a de erradicar o analfabetismo. Com a expansão e popularização da educação, depois que as escolas públicas tornaram-se abrangentes a todo o território nacional e a escola obrigatória às crianças do Ensino Fundamental a partir dos seis anos de idade, essa preocupação mudou um pouco, tomando novas

proporções, principalmente, no âmbito do aprendizado da leitura e da escrita. Assim, tornou-se urgente a necessidade de observar e analisar a efetividade de aprendizagem dessas duas competências, daí a necessidade de se repensar a alfabetização, no viés do *letramento*.

Apesar do acesso à escola ter se tornado mais fácil nas últimas décadas, podemos observar que ainda é grande o número de crianças com dificuldade em se apropriar da leitura e escrita, conforme mencionado anteriormente. Nessa perspectiva, torna-se necessário refletir sobre o que é *alfabetizar* e *letrar*, além de ponderar sobre as aprendizagens significativas.

Se a possibilidade de acessar a escola está mais acessível, por que tantas crianças não conseguem garantir as habilidades esperadas pela escola? As aprendizagens esperadas ou abordagens feitas pelas escolas têm significância para as crianças? Os elementos da cultura local, e principalmente da cultura infantil, é apreciado nas práticas educativas? Essas são indagações que fazemos no intuito de chamar a atenção para a reflexão sobre nossas práticas enquanto profissionais alfabetizadoras. Não temos aqui nenhuma pretensão de respondê-las, buscar culpados ou apontar caminhos certos, até porque se os soubéssemos, não teríamos mais estes problemas. Mas, não podemos nos conformar e deixar de buscar meios para transformar e resolver ou reduzi-los. É nesse sentido que tentaremos estabelecer uma ponte entre o letramento e as brincadeiras da cultura local, um esforço para tornar as aprendizagens mais prazerosas e significativas para as crianças, o que pode culminar em melhores resultados nas aprendizagens esperadas para as crianças do ciclo de alfabetização, principalmente no que diz respeito às práticas de leitura.

A alfabetização, segundo Rojo (2009), corresponde ao ato ou ação de alfabetizar, “de ensinar a ler e a escrever, que leva o aprendiz a conhecer o alfabeto, a mecânica da escrita/leitura, a se tornar alfabetizado” (ROJO, 2009, p.10), porém a própria autora amplia esse conceito afirmando que conhecer o alfabeto não é suficiente para ser considerado alfabetizado. Segundo Soares (2014), a forma como se entende a alfabetização ao longo do tempo vem mudando: antes era necessário que uma pessoa conseguisse escrever seu próprio nome para ser considerada alfabetizada no Brasil, hoje, com as novas demandas impostas à sociedade, esse conceito tomou novas e maiores proporções. Não basta mais somente conhecer o nome das letras, associar o “desenho” da letra a seu som e escrever o próprio nome. Para Soares (2016), não há dúvida que

[...] a alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é *também* um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. Não se considera ‘alfabetizada’ uma pessoa que fosse apenas capaz de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros, ‘lendo’, por exemplo, sílabas ou palavras isoladas, como também não se considera ‘alfabetizada’ uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ao expressar-se por escrito (SOARES, 2016, p.16).

Estar alfabetizado é algo complexo e muito abrangente, pois envolve não somente a habilidade de conhecer o alfabeto, escrever e decodificar, o que por si só já é bastante complexo. Segundo Rojo (2009), coadunando com Soares,

[...] para escrever, não basta codificar e observar as normas da escrita do português padrão do Brasil; é também preciso textualizar: estabelecer relações e progressão de temas e ideias, providenciar coerência e coesão, articular o texto a partir de um ponto de vista levando em conta a situação e o leitor etc (ROJO, 2009, p. 44-45).

A escrita, assim como a leitura corresponde a uma série de elementos de organização de pensamentos, ideias e construção de sentidos, além do conhecimento e compreensão do alfabeto. Compreender o funcionamento da escrita para ler ou escrever e as relações grafema x fonema é muito complexo e exige, segundo Rojo (2009), que a pessoa desperte para uma “consciência fonológica da linguagem” (ROJO, 2009, p.61), isso porque, além do sentido do texto que precisa ser construído tanto na escrita quanto na leitura, as letras não são representações que se relacionam diretamente ao som, como um desenho se relaciona a um objeto, por exemplo.

Nesse sentido, estar alfabetizado é estar apropriado de toda essa complexidade que envolve a leitura e escrita. Após feita essa apropriação, o alfabetizado tende, de acordo com seus hábitos e estímulos, a aprimorar e ampliar esse processo, consolidar e agregar novos conhecimentos e tomar dimensões ainda mais complexas. E isso pode acontecer durante toda a sua vida. No entanto, isso não significa que coadunamos com o pensamento de que o processo de alfabetização pode durar por toda a vida. Ao contrário, ele finda no momento em que a pessoa é capaz de ler e escrever diversos tipos de textos, dando sentido à leitura. A partir dessa fase, o que acontece é uma evolução desse processo cujos novos conhecimentos e práticas podem ser agregados, promovendo uma constante melhoria dessas práticas.

Todo texto só o é, segundo Orlandi (2001), porque tem sentido para alguém. As escritas e leituras ocorrem no dia a dia com algum propósito, seja ele informativo, instrutivo, de deleite ou outro. É nessa construção de sentidos e usos corriqueiros das habilidades adquiridas por meio da alfabetização no cotidiano das pessoas, no seu uso social, que acontece o letramento. Através do letramento temos o que Gomes (2012), ao falar sobre as aprendizagens significativas, definiu como leitura ativa. Para ele, “leitura ativa é aquela que trabalha com a produção de sentidos nos quais o indivíduo se coloca em situação de interação para interpretar o texto e suas condições de produção” (GOMES, 2012, p.139, tradução nossa).

Ampliando ainda mais essa compreensão de que todo texto e toda situação de leitura e escrita acontece com algum propósito e em algum contexto, observamos que nas rotinas das pessoas existem inúmeras situações onde essa leitura e escrita está presente e as produções de sentido vão acontecendo, naturalmente. Muitas vezes, até sem que elas se deem conta. Rojo e Soares entendem que letramento está muito além

das habilidades individuais adquiridas através da alfabetização, corresponde exatamente a esse “conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 2014, p. 72), como por exemplo, mandar ou ler uma mensagem de texto no celular, ler uma placa no trânsito ou aviso de promoção no supermercado, entre tantas outras situações de escrita e leitura presentes no dia a dia das pessoas. Nesse sentido, podemos afirmar que o letramento corresponde a uma ação. A ação de usar a habilidade de ler e escrever, adquirida pela alfabetização, para atender às necessidades de acordo com as demandas sociais.

Entendendo o letramento como o uso da escrita e leitura, que são habilidades adquiridas por meio da alfabetização, nas práticas sociais é importante ressaltarmos que, apesar de interligados, *letramento* e *alfabetização* não podem ser entendido como sinônimos. Uma pessoa analfabeta, por exemplo, que está sempre em contato com a leitura ou escrita, mesmo com a ajuda de outra pessoa, está vivenciando práticas de letramento e, segundo Soares (2014), pode ser considerada letrada, mesmo sem saber ler ou escrever.

Sendo assim, a necessidade de fazer uma distinção entre os dois termos fica clara. No entanto, é necessário ponderarmos sobre a forma como o processo de apropriação da alfabetização e letramento está acontecendo no Brasil. O acesso à escola e a promoção das crianças nas séries/ano escolares não são garantias de que os estudantes, principalmente as crianças, estão conseguindo se tornar alfabetizados e letrados.

No Brasil, a principal responsável por essa promoção é a escola. As crianças, em sua maioria, aprendem ler e escrever no espaço escolar. Por isso, é necessário que ela esteja atenta às necessidades de leitura e escrita impostas à sociedade.

Defendo que um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das **várias** práticas sociais que se utilizam da leitura e a escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática** (ROJO, 2009, p.11 grifo da autora).

Isso pode levar a uma aprendizagem mais significativa e efetiva aos estudantes. Nesse mundo contemporâneo, onde o dinamismo se tornou uma das principais características da sociedade, é preciso que as escolas transcendam seus muros e insiram em suas práticas aquilo que está mais ligado à realidade de seu público.

Nesse contexto, ao se falar de escolas que trabalham com o público infantil, tanto em pré-escolas, quanto nas primeiras séries do Ensino Fundamental, é crucial que elas, ao pensar nos contextos sociais de seus alunos, atentem para as brincadeiras, que constituem um elemento próprio da cultura e cotidiano da criança e as incluam em suas práticas, proporcionando uma aprendizagem mais contextualizada com as realidades vividas pelas crianças, mais prazerosa e mais significativa.

3 | AS BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Quando se pensa em atividades próprias da criança, é quase imperativo pensar nas brincadeiras. O que não se pensa, no geral, é que essa atividade não é exclusivamente dessa população, tampouco no tamanho da sua importância para a vida e formação da criança.

Coadunamos com o pensamento de Luckesi (2005a, 2005c), ao afirmar que brincadeira é coisa séria. É muito comum vermos pessoas desmerecendo o valor desse ato, ou até mesmo usando-o como algo pejorativo. É importante, também, destacarmos a diferença entre *seriedade e rigidez*. No geral, a seriedade é associada àquilo que é rígido e sisudo. Para nós, ao contrário disso, a seriedade está relacionada às coisas que podem trazer consequências importantes, assim como ao respeito e relevância que algo tem ou pode receber de ou para uma pessoa ou grupo. Nesses termos, as brincadeiras constituem elementos capazes de promover grandes impactos na vida de quem brinca, principalmente da criança, e é algo que, durante seu ato, costuma receber da criança total atenção, o que já constituem elementos suficientes para afirmarmos que brincar é algo sério.

Segundo Rosa, Brainer e Cavalcante (2012, p.06), “a brincadeira proporciona à criança o envolvimento em situações favoráveis à aquisição de regras, à expressão de seu imaginário, à apropriação e exploração do meio e esses são aspectos importantes na aquisição de conhecimentos”. Seguindo a mesma compreensão, Dohme (2011), Bomtempo (2012) e Batista (2012) afirmam que através da brincadeira as crianças desenvolvem diversas habilidades físicas, motoras e cognitivas.

Os jogos colaboram com o desenvolvimento de habilidades onde se empregam a força: puxar, levantar, empurrar; a agilidade: correr, saltar, rastejar; a destreza: atirar, mirar, esquivar. Como também habilidades físicas que exigem uma maior sensibilidade, como por exemplo, jogos onde as crianças necessitem se ocultar ou executar alguma atividade ligada à psicomotricidade fina, como: enfiar uma agulha, equilibrar um ovo, etc (DOHME, 2011, p. 80).

Podemos usar como exemplo a brincadeira da amarelinha. Inicialmente a criança precisa lançar uma pedrinha para marcar a sua casa. Nesse ato, mesmo sem perceber, ela está desenvolvendo sua noção espacial, força e concentração. Em seguida, ela precisa passar por entre as casas que estão enumeradas, o que lhe ajuda a desenvolver a noção de números, sequência e ordem numérica. Por último, ela não passa caminhando pelas casas, precisa pular por elas, variando entre um ou dois pés e, a depender da fase da brincadeira, saltar algumas casas. Isso demanda que a criança tenha equilíbrio no corpo, força para impulsionar seu corpo até a próxima casa e atenção para não pisar na linha que a delimita. O ato de brincar de amarelinha, como pode ser observado, requer inúmeras habilidades, bastante importantes para o desenvolvimento de uma criança. É, portanto, sério. Mas não é rígido ou sisudo, ao contrário, compreende uma atividade que

proporciona muito prazer àqueles que estão brincando. Ao mesmo tempo que promove prazer, o ato de brincar

exige **concentração** durante grande quantidade de tempo, **desenvolve iniciativa, imaginação e interesse**. É o mais completo dos processos educativos, pois influencia o **intelecto**, a **parte emocional** e o **corpo da criança** (BOMTEMPO, 2012, p.22, grifos da autora).

Outro fator que merece atenção, ao abordarmos sobre as brincadeiras, diz respeito à idade da pessoa que brinca. Quando se pensa em brincadeiras, no geral, costuma-se pensar em crianças que já tem uma certa autonomia de se locomover sozinhas e, nesse contexto, excluem-se os bebês e adultos. No entanto, essa é uma visão limitada, pois não existe idade para brincar, existe, sim, brincadeiras mais comuns ou mais usadas em cada fase da vida. Neste artigo, porém, não trataremos das brincadeiras e jogos que são praticados por adultos e seus benefícios, pois nosso foco são as brincadeiras na vida das crianças. Para os bebês, esse ato assume uma importância grandiosa, visto que o ajuda a se projetar para o mundo e se desvincular do corpo materno. Segundo Kishimoto (2014, p.65), “[...] cada vez mais a criança usa o faz-de-conta para tentar expressar os fenômenos que percebe ao seu redor”.

Na primeira infância, as brincadeiras, que são, sem dúvida, diferentes das brincadeiras das crianças maiores, ajudam em seu desenvolvimento e autoconhecimento. Através das brincadeiras, os bebês começam a se perceber enquanto pessoas independentes, desligadas do corpo da mãe e a se relacionar com o meio e com os outros. Batista (2012), ao tratar das brincadeiras na vida do bebê, comenta que:

É interessante e surpreendente observar a maneira como todo o corpo é envolvido nessa atividade. Por meio das atividades de sugar, pôr na boca e manusear, os bebês estão descobrindo coisas a respeito de peso, tamanho, forma, textura, consistência, odor, sabor, enfim, descobrem as propriedades físicas dos objetos (BATISTA, 2012, p. 72).

Nesse espaço e tempo do brincar, o brinquedo é um instrumento pelo qual a criança faz experimentos, testa seus conhecimentos e capacidades. Porém, apesar de ser uma atividade própria da criança, ninguém nasce sabendo brincar. Segundo Batista (2012), somente cercar os bebês de brinquedos não é suficiente se não houver alguém que o convoque a brincar, o estimule para tal ação. Nessa lógica, a presença de outras pessoas, principalmente adultos, é fundamental nesse processo.

O ato de brincar costuma ser um ato de entrega total da criança. Kishimoto (2014, p.13) afirma que a “criança brinca pelo prazer de o fazer”. Essa é uma atividade que para essa autora é bastante significativa e traz, como já foi dito, inúmeras aprendizagens. Por entender a importância dessa prática para o desenvolvimento infantil, tem crescido também a preocupação de trazê-la para o ambiente escolar, que compreende um ambiente cujo principal objetivo é promover aprendizagens.

Porém, ao defendermos a inserção das brincadeiras no cotidiano escolar, salientamos que isso não deve acontecer de forma aleatória. As brincadeiras não devem ser trazidas

para o contexto escolar como atividades compensatórias pelo esforço feito pelos alunos ou para substituir as atividades pedagógicas, tampouco devem ser inseridas sem objetivos claros e direcionamentos.

Por este ângulo, falando das brincadeiras na educação infantil, Batista (2012) chama a atenção para o cuidado que os professores precisam ter com esse feito, salientando que elas devem ser formas de enriquecer as atividades que já são desenvolvidas na sala de aula, além da necessidade de haver um tempo limitado para esse tipo de movimentação. As brincadeiras, dentro da sala de aula, devem ser levadas com propósitos claros e o professor tem papel fundamental, nesse contexto, para direcionar as atividades e tentar extrair as aprendizagens esperadas.

As brincadeiras são elementos que compõem a ludicidade. Essa última compreende, além das brincadeiras, todas as atividades que proporcionam leveza e prazer, como as músicas, poesias, jogos, desafios de quebra-cabeça, entre outras. As atividades lúdicas, quando inseridas no contexto escolar, se contextualizadas, ajudam a promover uma aprendizagem mais significativa,

[...] só ocorre verdadeiramente a aprendizagem quando a atividade é significativa, quando a experiência é “encarnada”. Por esta razão, quando falamos de aprendizagem significativa estamos fazendo alusão às aprendizagens internas/vividas internamente de modo significativo (GOMES, 2011, p.139, tradução nossa).

Através das atividades lúdicas e das brincadeiras, que tem mais sentido para as crianças, essa experiência é mais intensa, e por isso as aprendizagens adquiridas por meio delas são mais efetivas. Nesse seguimento, acreditamos que ter a presença das brincadeiras e atividades lúdicas nos contextos de alfabetização escolar pode favorecer a aprendizagem das crianças, na perspectiva do letramento, uma vez que essa visa, exatamente, o uso da leitura e escrita nos contextos sociais, os quais mais significativos.

A escola tem a função social de, além de promover a aprendizagem de suas crianças, no sentido de ofertar o ensino das habilidades exigidas para o desenvolvimento delas na sociedade, como as habilidades de contar e ler, por exemplo, potencializar um diálogo entre as culturas da sociedade onde estão inseridas. Segundo Rojo (2009, p.12), cabe à escola trazer “para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica”. E é nessa conjuntura das culturas locais, pensando nos contextos das crianças, que as brincadeiras estão inseridas, devendo ser compreendidas em sua magnitude e valorizadas nos espaços escolares, principalmente nas salas de aulas.

Rosa, Brainer e Cavalcante (2012, p.09) afirmam que “é preciso reinventar nossas formas de atuar na escola para garantir que o tempo e espaço da brincadeira deixem de ser vistos apenas como ‘recreio’ e ganhem legitimidade dentro da sala de aula”. Assim, promovendo essas atividades dentro do espaço escolar, garante-se também

que as crianças tenham interação com seus pares e, através das brincadeiras, utilizem estratégias diversas para resolver desafios, desenvolvendo diversas funções mentais, inclusive relacionadas ao pensamento e à linguagem e, por consequência, auxiliando na apropriação da alfabetização e letramento.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que seja de fundamental importância que, ao pensar em crianças e suas aprendizagens, sejam respeitadas as suas culturas. Não podemos pensar em crianças e suas aprendizagens desconectadas de seus contextos. Nesse cenário, as brincadeiras ganham papel de destaque, pois estas compreendem uma atividade própria do ser criança.

Apesar das atividades lúdicas e brincadeiras não serem exclusivas do universo infantil, é nesse período da vida que elas estão mais presentes e, nesse período, elas recebem das crianças toda a atenção possível. Nessas atividades, as crianças costumam estar por inteiro e, por causa também dessa entrega, e por conta das habilidades exigidas durante esses atos, as brincadeiras promovem na vida da criança inúmeras aprendizagens, que vão desde aprendizagens psíquicas e sociais a atividades motoras, cognitivas e relacionadas às linguagens.

Nessa perspectiva, pensar em brincadeiras é pensar em coisa séria. É necessário que se chame a atenção para a forma como esse ato é tratado pela maioria das pessoas em seus cotidianos, como se fossem atividades desprovidas de valor ou como algo ruim. Ao contrário disso, brincar consiste numa atividade lúdica, que proporciona aprendizagens e habilidades das quais as pessoas precisam por toda sua vida e, assim, precisam ser valorizadas por toda essa seriedade presente nelas.

Percebendo as brincadeiras como elementos promotores de aprendizagens e, cientes das dificuldades que as escolas têm enfrentado na promoção da alfabetização na perspectiva do letramento, a qual busca uma aprendizagem voltada para o uso social e, portanto, mais significativo, das habilidades da leitura e escrita, é que defendemos que as brincadeiras devam fazer parte do cotidiano escolar da criança. Porém, esse entrar das brincadeiras nas práticas escolares deve transcender o puro objetivo de recrear. Esse já é contemplado fora desse espaço. Nas escolas, as brincadeiras devem ser vistas como aliadas no processo de alfabetização, precisam ser atividades direcionadas pelos professores com objetivos claros, a fim de promover nas crianças uma aprendizagem mais significativa e de melhor qualidade.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Cleide Vitor Mussini. O lugar do brincar nas práticas educativas com bebês. In: BOMTEMPO, Edda; GOING, Luana Carramillo (Orgs.). **Felizes e brincalhões**: uma reflexão sobre o lúdico na educação. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

BOMTEMPO, Edda. Brincadeira Simbólica: imaginação e criatividade. In: BOMTEMPO, Edda; GOING, Luana Carramillo (Orgs.). **Felizes e brincalhões**: uma reflexão sobre o lúdico na educação. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

DOHME, Vania. **Atividades lúdicas na educação**: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOMES, Antenor Rita. Lectura de Imagen e Aprendizaje Significativo. In: **hachetetepe**: Bibliotecas, Lecturas e TICs – Hachetetepe número 04: Revista científica e educación. Grupo Educon. Facultad de Educación. Universidad de Cádiz-ES. 2012.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **Jogos infantis**: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis, RJ: Vozes 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Brincar**: o que é brincar? Disponível em: <http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>. 2005a. Acesso em: 22 nov.2016.

_____. **Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras**: uma proposta a partir da Biossíntese. Disponível em: <http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>. 2005b. Acesso em: 22 nov. 2016.

_____. **Brincar II**: brincar e seriedade. Disponível em: <http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>. 2005c. Acesso em: 22 nov. 2016.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSA, Ester Calland de Souza; BRAINER, Margareth; CAVALCANTE, Tícia Cassiany Ferro. A criança que brinca, aprende? In: Brasil, Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa**: vamos brincar de reinventar histórias. Brasília: ISBN, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 75, 147, 174, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 218

Ambiente Alfabetizador 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Aprendizagem 2, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 21, 22, 31, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 84, 85, 95, 101, 103, 104, 106, 107, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 144, 145, 147, 151, 153, 155, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 171, 174, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 186, 187, 197, 198, 200, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 216

Artesanato 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 97, 98

Avaliação institucional 35, 36, 37, 39, 46, 47

B

Boas práticas de manipulação 24, 25

Brincadeiras 44, 131, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 202, 203

C

Crianças 6, 7, 12, 13, 15, 16, 17, 20, 21, 24, 25, 31, 57, 61, 62, 67, 71, 84, 92, 106, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 140, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 164, 169, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206

Cultura 2, 5, 7, 38, 46, 57, 65, 68, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 118, 120, 122, 125, 127, 137, 138, 141, 154, 155, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 179, 180, 181, 183, 186, 194, 195, 196, 199, 202, 203, 205, 213, 218

Currículo 31, 39, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 102, 107, 131, 152, 155, 161, 162, 163, 167, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177

D

Dificuldade de Aprendizagem 48

Direito Civil 208, 210, 212

E

Educação 1, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 22, 23, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 47, 57, 58, 59, 63, 66, 70, 71, 72, 78, 81, 84, 86, 88, 94, 95, 96, 97, 102, 107, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 139, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 152,

153, 154, 157, 160, 161, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 180, 186, 187, 188, 197, 198, 199, 200, 202, 216

Educação Básica 9, 23, 30, 31, 35, 47, 71, 81, 114, 115, 116, 119, 122, 125, 129, 130, 134, 155, 160, 161, 188, 189, 218

Educação de Jovens e Adultos 167, 170, 171, 172, 176

Educação Infantil 28, 59, 60, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 151, 152, 186, 198, 206

Educação Profissional e Tecnológica 153, 155

Ensino 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 15, 17, 21, 22, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 84, 85, 86, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 114, 116, 119, 123, 136, 144, 145, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 173, 174, 176, 178, 179, 180, 183, 186, 189, 208, 209, 210, 211, 212, 216, 217, 218

Ensino Fundamental 1, 3, 4, 6, 8, 11, 15, 17, 21, 22, 35, 37, 39, 59, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 114, 116, 153, 155, 159, 161, 162, 163, 169, 174, 178, 179, 180, 183, 189

Escola 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 50, 52, 56, 61, 62, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 85, 103, 107, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 135, 142, 147, 152, 153, 161, 162, 166, 171, 173, 175, 176, 179, 180, 181, 183, 186, 188, 189, 191, 192, 197, 198, 200, 201, 203, 206, 211, 216

Estudantes 4, 7, 13, 18, 21, 22, 33, 38, 50, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 103, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 154, 155, 171, 172, 174, 183, 208, 209, 211, 215

F

Facetas da alfabetização 1, 8

Folia de reis 153, 155, 157, 164

Fotografia 82, 83, 84, 85, 175

G

Gestão escolar 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47

Gramsci 115, 119, 120, 122, 123, 125, 127

H

Hábitos de Higiene 11, 12, 13, 14, 15, 23

História 5, 9, 60, 67, 75, 79, 82, 84, 85, 102, 103, 107, 108, 109, 136, 137, 139, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 154, 157, 165, 169, 170, 171, 173, 175, 189, 191, 195, 196, 197, 201, 205

I

Identidade 38, 41, 47, 57, 59, 60, 62, 63, 65, 66, 68, 72, 81, 82, 83, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 97,

98, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 113, 125, 154, 155, 157, 167, 174, 175, 195, 200, 203

Ideologia Capitalista 114, 115, 118, 119, 121, 122, 124, 125, 126

Inclusão 48, 49, 55, 84, 86, 95, 97, 144, 188, 213

Indígena 79, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

J

Jogo 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 61, 144, 188

L

Letramento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 174, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 218

Literatura Infantil 142, 143, 144, 145, 147, 148, 151, 152

Ludicidade 11, 12, 14, 15, 22, 48, 56, 83, 84, 178, 180, 186, 188, 218

M

Mediação Simbólica 135, 137

Merenda 24, 25

Microrganismo 24

Monitoria 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

O

Objeto de aprendizagem 153, 155, 159, 160, 161, 163, 164, 165

Obrigações 208, 210, 212, 216, 217

Organização do Trabalho Pedagógico 142, 148, 149

P

Pinturas rupestres 83, 108, 109, 111

Práticas democráticas 69, 71, 72, 79, 80

Q

Qualidade 24, 25, 26, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 46, 47, 70, 74, 88, 91, 94, 95, 119, 187, 209

R

Recurso pedagógico 56, 83, 84, 85, 165

Relações Interpessoais 11, 12, 15, 22, 95

S

São Desidério 112

Socioeducação 167, 170, 171, 174, 176

Super-Heróis 57, 58, 59, 60, 61, 63, 66, 68

T

Tecnologia 10, 11, 14, 15, 22, 47, 86, 87, 94, 95, 97, 114, 116, 153, 156, 159, 163, 218

U

Universidade 1, 7, 10, 11, 23, 24, 26, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 48, 50, 56, 73, 80, 82, 84, 86, 101, 104, 108, 114, 129, 135, 136, 137, 142, 165, 166, 167, 178, 179, 189, 191, 192, 208, 209, 211, 213, 217, 218

V

Vygotsky 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Z

Zona de desenvolvimento Proximal 135, 136, 139, 140, 141

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

10

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

10

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020